

REDAÇÃO — DIREÇÃO — Rua Julião Moreira, n. 1. Edifício da Associação dos Empregados no Comércio, Sala 4, 2.º andar. Das 17 às 21 horas, todos os dias úteis.

PAGINA DE ALA

ORGANIZAÇÃO OFICIAL DE ALA DAS LETRAS E DAS ARTES

Num. XLVII
Ano II
Quarta-feira
5 - 7 - 939

Maria Antonieta DO TRONO A' GUILHOTINA

Jamais, como nos últimos vinte anos, se escreveu tanto sobre as figuras predominantes dos séculos, e que, por isso, cada uma a seu modo, se representam no grande cenário da História. E talvez alguém venha a lembrar-se de chamar aos dias que correm a idade da biografia.

Mas os biógrafos, — e este gênero de literatura conta alguns geniais, — com uma curiosidade que excede os limites duma sobria elegância, e por vezes impiedosos, não se contentaram com o que havia de edificante na existência de seus personagens, e que é, afinal, o que superiormente interessa, como beleza e exemplo, ao patrimônio moral de uma geração, de um povo, de uma raça, e portanto à sua literatura, à sua arte, à sua ética.

Outros aspectos das grandes vidas, entusiasmados como sejam de suas obras, podem interessar a ciência, como estudo. Nunca as belas letras, que devem contar as belas existências ou o que nelas houve de idealmente belo, na alegria e na dor, na renúncia ou no sacrifício, a eterna ansia das homens para chegar à perfeição e à glória infinita de Deus.

Na galeria daqueles que dilataram o mundo, enobreceram as artes, aprofundaram as ciências, ou fizeram a História, encontramos personagens de vidas cristalinas, outros cujos passos nem sempre foram dados a caminho do sol. Mas até na existência destes últimos há elementos para o biógrafo realizar, se o quiser, uma obra prima. Sem esta preocupação, pode, embora com bons motivos, fazer um mau livro.

Um dia, viajando pelo Atlântico sul, Stefan Zweig pensou na epopéia marítima e, empolgado pelos feitos dos grandes almirantes, dedica-lhe um livro magnífico, narrando a vida maravilhosa de Fernão de Magalhães. Livro magnífico, repetimos, porque na vida do navegador genial são tudo lances heroicos, tenacidade creadora. Livro, pois, para todas as mãos e todas as estantes. Mas o mesmo grande escritor, debruçando-se sobre as figuras da História, deu-nos, em MARIA ANTONIETA, um livro proibido. Proibido, entendamos, para os espíritos ainda em formação, e para os que, supostamente formados, não têm, em boa verdade, formação nenhuma, e que representam a maioria desta geração de vinte anos. É proibido, enfim, como livro de pura beleza. E por que? Por que da vida da desventurada rainha nem tudo possa contar-se? Não é bem assim. Porque Stefan Zweig não soube tirar da tragédia imensa que a arrastou ao patíbulo, o seu interesse mais alto: a lição de uma grande dor, como o Sr. Pe. Luiz Gonzaga Mariz, S. J. oferece o seu belo estudo MARIA ANTONIETA, DO TRONO A' GUILHOTINA. "A todos os que sofrem no corpo e no espírito".

É a obra de Zweig que devemos, contudo, o livro do insigne Jesuíta. Alguém lhe levará, com uma consulta, um exemplar de MARIA ANTONIETA, do escritor judeu e incrédulo. E a resposta do Sr. Pe. Mariz foi o seu livro profundo.

Eminente figura da Companhia de Jesus, músico brilhante, alma eleita de artista, e sensível portanto ao sofrimento, sem o qual a vida seria vazia, e todo o esforço vão, o Sr. Pe. Mariz toma a vida de Maria Antonieta como argumento apologetico, fazendo história, e da melhor, desde o instante em que uma criança brinca nos jardins do palácio de Schoenbrunn, em 1766, até a hora em que essa mesma criança, volvidos vinte e sete anos, e então Rainha da França e Arquiduquesa de Austria, morre na guilhotina. História da melhor, porque, sem atar-se aos fatos históricos, apresenta-nos uma alma chegada à perfeição pelo sofrimento, e portanto digna de Deus, que é o mais alto e o único destino a que as almas devem aspirar.

O Sr. Pe. Mariz chama a dor a grande artista. Mas é, escritor perfeito, é um grande artista da dor. Os próprios títulos dos quadros em que divide a sua obra, feitos alguns da luz doce das auroras, ou da grande sol do meio dia, outros de uma intensa dramaticidade, favorecendo aquela asserção, deixam entrever os jardins floridos e os recintos fidalgos onde a Rainha viveu numa vertigem a sua felicidade efêmera, ou os cárceres sombrios onde a dor a envelheceu aos trinta e oito anos e, realizando na sua alma cristã uma obra prima, a prepara para Deus, pelo perdão que lhe pede de todos os erros que tenha praticado, por todo o mal que seus inimigos lhe fizeram, e que ela perdeu.

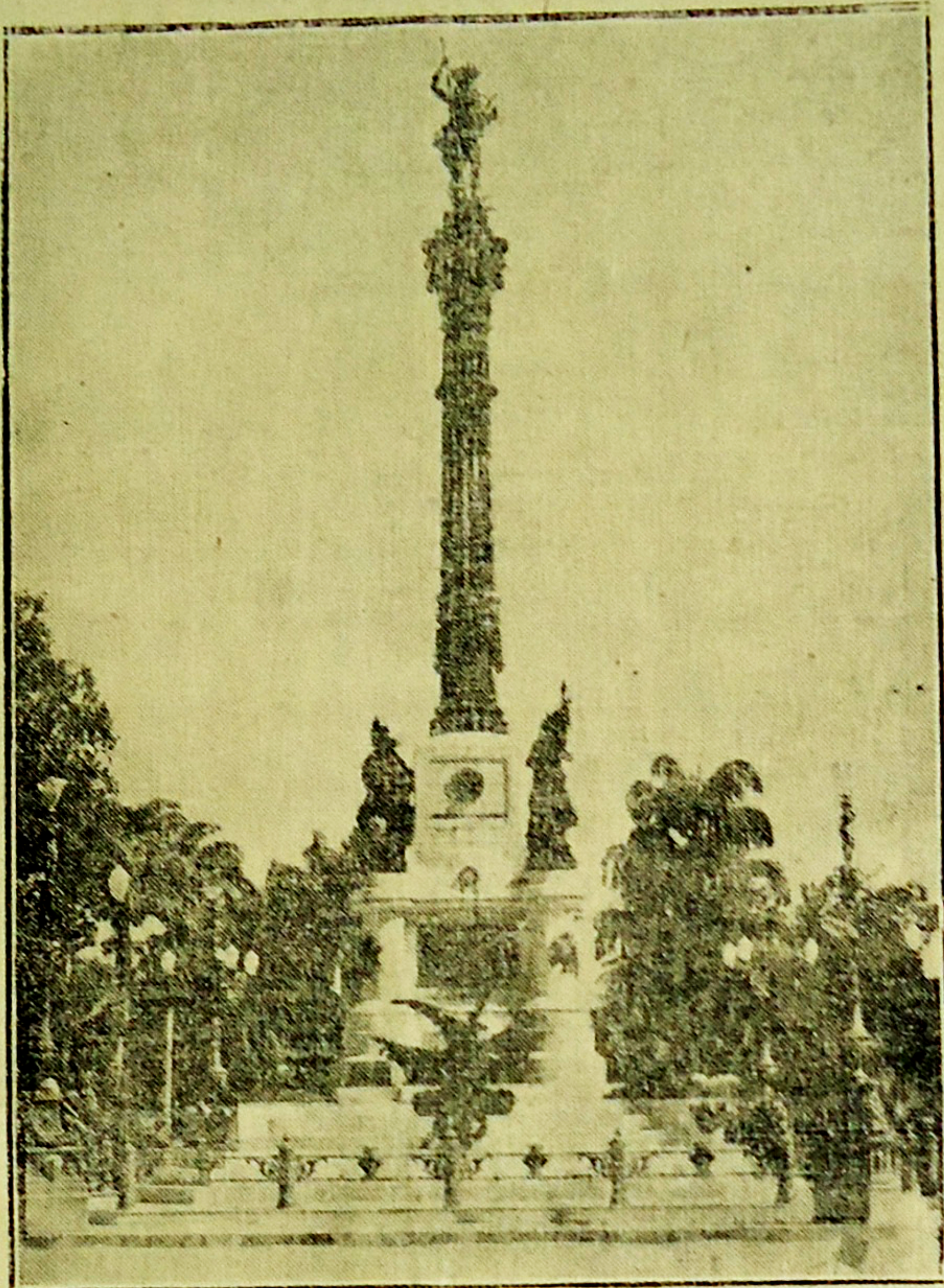
Como para artista que é, o Sr. Pe. Mariz deu-nos uma obra de arte, profunda e intensa.

Acompanhando essa alegre criança dos jardins reais de Viena à corte de França, e do Zente da sua vida ao amolecer e às Trevas, é com piedoso respeito que nos apresenta a sua vida, que nos fala do seu fastígio e nos conta a sua morte. E defende-a, o que não soube fazer a Convocação, que a condenou, da acusação infamante do seu próprio filho, uma criança de oito anos, mentiroso, por habito, e no caso da Rainha morrer, sua Mãe, talvez obrigada a mentir.

Livro para ser meditado, como uma imensa lição da dor; mas livro talvez, infelizmente, para raros apenas, nestes nossos dias de universal delírio, em que as almas passam intuitivamente pelo sofrimento, o supremo modelador da perfeição.

JOÃO CLARO

Indice Regional XXXIII - MONUMENTO DOIS DE JULHO



O monumento ao "Dois de Julho", que se encontra à "Praça Dois de Julho", antigo Parque Duque de Carías em época mais remota Campo Grande — com quasi 26 metros de altura, é um dos mais belos e mais ricos da America do Sul. Foi levantado por iniciativa de um grupo de patriotas, para comemorar a entrada do exercito pacificador na Cidade do Salvador, em 2 de Julho de 1823. Compõe-se de uma coluna de bronze da ordem corintia, de quasi doze metros, descansando sobre um pedestal de marmore de carrara, o qual por sua vez se apoia sobre um plano de onde partem para os quatro lados magnificas escadarias de marmore.

No pedestal, ao lado direito, figura uma estatua de mulher de colo erguido, envulvida em uma bandeira empunhada com vigor: é a nossa querida Bahia, proclamando a sua liberdade. Do lado oposto, ainda no pedestal, uma estatua com cabelos soltos, coroa de louros e braços de mulher varonil: é a Catarina Paraguassu, que em uma das mãos tem uma arma em posição de defesa, e na outra um escudo, em que está gravado, com letras de ouro, o grito do "Ipiranga": "Independência ou Morte". Em pleno inferior, os dois grandes rios São Francisco e Paraguassu — representados por dois gigantes. Grandes aguias de asas abertas pousam sobre canhões colocados na base. Possui datas, inscrições patrióticas e nomes dos heróis que tomaram na luta. Até as concepções da época: o patriotismo estante se manifestando por todos os modos e símbolos. A figura, que encima a coluna, um índio, de quasi cinco metros de altura, armo de arco e flecha, simbolizando o Brasil, na atitude de desferir, golpes terríveis, sobre uma serpente, isto é, sobre a tirania em si, naquela época de lutas. Hoje, não concebemos Portugal representado neste majestoso monumento por uma serpente, enmascarada debaixo dos pés de um índio. Erlinda concepção. A metropole não devia ter sido simbolizada em um monumento no Brasil por uma serpente. No cimo do monumento devia estar um índio confraternizando-se com um soldado libertador, é o nosso conceito moderno. Porque não é, nem nunca foi a metropole, serpente para a colonia. Eles sempre se queizaram, creador e creatura, e sempre se mutuaram progresso e prosperidade. Compreendamos a concepção que está no alto do monumento do Dois de Julho por essouta que nos traduz melhor o amor, a paz e a harmonia entre Brasil e Portugal. Estas duas nobres e grandes Nações não são inimigas; são, ao contrario, dois países que têm a mesma crença, o mesmo sangue, a mesma lingua, os mesmos ideais e os mesmos anseios, e que se querem e se amam. Assim vivemos, assim sentimos, assim pensamos. — JOAQUIM MANSO.

DOIS DE JULHO

Já vi, meu patriota, nestas lojas
Vai festejar-se o grande Dois de Julho!
Eu também sou bahiano...
E quis vir com você saudar ufano,
Em nobre entusiasmo, em santo orgulho,
Da liberdade angusta
Do dia soberano!
Vamos, vizinhos! enteiem-se as janelas
De verdes folhas e de flores belas!
Tremule ao vento a fulgida bandeira
Recomenda de estrelas!
E a garbosa e poetica cidade
Abra o seio, festiva e prazenteira,
Ao sol da liberdade!
Já nos céos o horizonte se ilumina
Das transparentes nuvens no regaço
Surge o clarão da aurora purpurina.
E um dilúvio de luz inundou o espaço!
Na cherosa campina
Desdobra a flor o calice mimoso.
Sacode as plumas o coqueiro altivo
No monte majestoso.
E o chão se veste de viscosa relva,
E as aves cantam nas risonhas matas,
E o oceano soberbo une os clamores
Aos céos das cascatas.
E da terra esse ingente, enorme grito
Como uma prece eleva-se ao infinito:
— Santo dia da patria, eu te bendigo!
Eu te bendigo, ó sol que tão formoso,
Como risonha alampada suspensa
Dessa capota imensa
Humilhante o drama portentoso
Da nossa liberdade!
Oh! vem, surge do novo!
Como o deão de Deus na imensidade
Vem revolver as cinzas do passado!
Abre nos olhos do povo
Esse livro doçudo
De nossa grande, imortavel historia!

Dois de Julho e os Poetas

Castro Alves fez-se o verso nuclear da poesia do Dois de Julho. Sim, houve entre nós uma poesia do Dois de Julho. Aos céos das festas tradicionais dessa data heróica da nossa historia, quando a cidade, dona e senhora, por direito de conquista, da jornada decisiva, rejubilava nos estus do orgulho coletivo, por todos os seus angulos e clarões, os poetas eram uma como prole espontanea de Tirtous empunhados e cantando hosannas. Manuel Pessoa da Silva, o satirico, obrigou a ser rebenquerado em pleno sarau oficial do Teatro S. João, por um ajudante de ordens e filho do general Andréa, presidente da provincia. A sua esposa, revoltada e intrepida, parte-lhe na cara do agrorizador o leque de marfim em desafiante. O incidente está na historia das comemorações do Dois de Julho de 1846. Outros poetas desfiliam com retiro na cronica da maior dia da cidade: Augusto de Mendonça, Meônia Zarrete, Bolivar Lessa, João de Brito, Cyrdilio Duval, Costa e Silva, Damasceno Vieira, Edládio Martins, Alexandre Fernandes, outros. E, em nossos tempos, Roberto Correia, que tem, seguramente, trinta e tantos poemas, escritos ano a ano, ao Dois de Julho. Castro Alves, porém, ficou marcando com a fiam, que lhe sobrava do genio, a mais alta expressão dessa epopéia. Três poemas escreveu sobre o mesmo tema. Primeiro, um soneto, ainda em Recife (1864), onde figura, já, um "indio gigante" a lutar pela liberdade:

"Foi luta de titãs, luta tremenda"
Segundo, o "Ao Dois de Julho", recitado no Teatro de S. João (1867):
"É a hora das epopéas,
Das Illadas reais."
Terceiro, enfim, o mais significativo, como exaltação épica, recitado no Teatro de S. Paulo (1868):
"Era no Dois de Julho. A pugna imensa
Travara-se nos cerros da Bahia".
Ficou, este ultimo, como o padirão definitivo da poesia do Dois de Julho.

Ha, porém, outra produção, não menos bela, que a de Castro Alves, que reputamos a 2.ª Ode ao Dois de Julho. É a do poeta seu contemporaneo e amigo fraterno, Antonio Alves de Carvalho, que vale recordada como um dos maiores surtos líricos dessa poesia creada por Castro Alves. Antonio Alves de Carvalho, tambem, por tres vezes, se reporta à data, sempre em versos calidos e atrevidos, como da sua feição tipicamente moderada. Satirico, só de quando em quando se saia da sua "vi comica" para esses passagens de uma boa poesia homerica. Em 77, no "Monitor", publica o primeiro, que damos na integra, noutro local desta pagina:

"Santo dia da patria, eu te bendigo!"
Na segunda, desse mesmo tempo, descreve a festa e, nitidamente, te, uma certa "piramide", antevendo do monumento actual:
"Que torrentes de povo pelas ruas!
Que luidos, galhardos batalhões!
Que lavas de prazer e entusiasmo
Queimando as multitudes!
Em toda a parte risos e harmonias...
Perfumes... poesias...
Um oceano esplendido de luz!
Qual de Israel a mistica coluna
Sobranceira, solene como a Cruz,
Se elevava garbosa
A piramide altiva e majestosa,
Simbolizando a gloria!
E em pé a liberdade,
Adornada dos louros da victoria,
Erguia-se imponente,
Como a imagem de Deus na sarca ardente
Iluminando os cerros da cidade!"

Entretanto, em 78, os poetas já exultavam no concerto floral do Dois de Julho. O proprio Carvalho lamenta, em versos facetas que tais, a progressiva debandada:

"Os poetas tambem... nem um ao menos
Quis celebrar as glorias da Bahia!
Gustavo abandonou a poesia,
Tornou-se financeiro.
O nosso Bolivar emudeceu.
Mendonça, o vate ameno e harmonioso
Dependurou a lira no salgueiro.
O habil João de Brito é preguiçoso.
Hoje só ha de rouxinóis na terra
O amigo Lessa... e eu!"

O reparo pode ser feito quanto nos poetas de hoje. Se do passado ainda Castro Alves e Alves de Carvalho deixaram mostras que valham o sentimento alto da efeméride bahiana, no presente só Roberto Correia e Artur de Sales têm sobre o tema da Independência expressões e idéas que contam. Os mais, não ligam.

CARLOS CHIACCHIO

FOLCLORE DO DOIS DE JULHO "E' DE GUN-QUERERE"

Correm aqui na Bahia algumas anedotas sobre a presença de um batalhão patriótico composto de negros africanos no cortejo do dia Dois de Julho. Parece-me haver sincerismo de factos nas narrações de semelhantes historietas.

As mais espalhadas são estas. Resolveram os africanos, libertos e escravos de senhores beninicos, organizar um batalhão que comparecesse aos festejos da gloriosa data. E lá se foram muito anchos, enchedernados de branco, as roupas bem duras de goma. Quando o corpo chegou ao Terreiro, postou-se em face da igreja São Domingos. Então o comandante, depois de haver estado o tapete, conseguiu meter os seus banchos soldados em linha voltada para o templo.

Mas era indispensavel operar uma conversão da batalha. Alcou-se nos estribos, e mandou a voz da manobra com todo o talento:
— Batalhão... Sinto... Viva frente pra Culejo... dá bunda pra São Domingo...

* Outra. Fimdo o "Te-Deum", o "coronel" do batalhão mago, que estava no interior do templo assistindo à cerimonia, passou a os documentos sobre o movimento no bucairão e gritou:
— Batalhão... Sinto... Viva frente pra Culejo... dá bunda pra São Domingo...

Não obstante contarem isso co-ço se tendo passado num dia, 2 de Julho, da mesma sorte que as duas antecedentes, estou que a hipótese acima aventada é digna de meditação. Quando os negros malós concertaram o levante de 1835, a sua idea fixa era "fornarem conta da terra". Leram-se os documentos sobre o movimento

DA SILEVA CAMPOS

IN MEMORIAM

Porque partiste cedo, quando a aurora
Se mostrava risonha à tua vida.
Porque cedo partiste, muito embora
Não te fosse a existencia apeteçida.
Que prazér eu teria se nesta hora
Fitasse a imagem tua. A insana
Que em mim, a tua ausencia re-
vigorava.
Não ferias a minha alma compan-
gida.
Ela me enchugaria amargos prantos,
O mundo para mim teria encantos.
Motreria em meu peito esta sau-
dade...
Porém, é sonho meu, ó vã quimera!
Quem parte, para o além, ao alguém
Jo espera,
O encontro se dará na Eternidade.

HORMINIO M. ALVIM

CRITICA

"Seu Lucio", de Leonidas Leão

Era sempre com viva emoção que o via atravessar as ruas de Calité, scurvado pela idade e gosto de padecimentos. Seu Lucio, como lhe chamavamos, devia sofrer muito. Quando rapaz, esbarriara uns bons contos de reis e lra a tentação de algumas damas bonitas. Mas as reviravoltas caprichosas da vida reduziro-no afinal àquela lamentavel situação de miséria. Ainda assim, "Seu Lucio" exhibia alguns vestígios da opulencia passada. Não era um mendigo qualquer. Forçado pelas condições de existencia, porém, o que se via era, apenas, um velho de uns 70 annos.

FARPAS...

"Sabes com quem tá falando?"
E' frase feita que tem
Saída, de vez em quando,
Da boca de João Ninguém.

ROBERTO CORREIA

"Jornal de Ala"

Mário Melo, o Ilustre Secretario Perpetuo do Instituto Arqueologico de Pernambuco, escreve, em cronica sob o título — "Bahia" — Pernambuco" — de "A Tarde", (1-7-39) o seguinte topico sobre "Jornal de Ala":

"Em relação a revistas, porém, devemos estender a mão à palmaria. Deixaram-me a bordo um exemplar de BAHIA, que é, para Provincia o que se pôde chamar de bem feita revista ilustrada, e um exemplar de JORNAL DE ALA, periodico de cultura, só comparavi a REVISTA DO BRASIL na sua primeira fase e superior a esta na seção de iconografia.

Que pena publicação de tanto lor vegete situada nas fronteiras duma Provincia, quando outras, que lhe são inferiores, somente porque editadas no Sul, alcançam larga divulgação em todo o país".

erietas, afirmando que Deus pagaria juro e tudo no reino dos céus. Nas manhãs de junho, quando o bom do velho afrontava os rigores do tempo, a tiritar de frio, quem o reparasse com interesse haveria de lhe surpreender nas linhas do rosto qualquer coisa de nobreza antiga, que o tempo e a dor não conseguiram apagar.

(Continua)